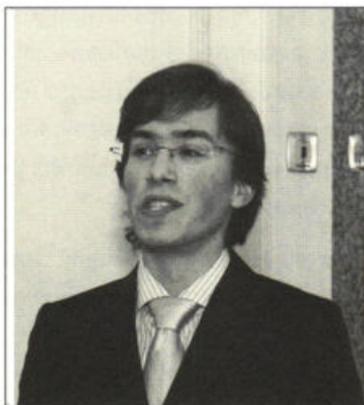


# «Os Jesuítas nas Vésperas da I República: O “Novo Mensageiro do Coração de Jesus” (1881-1910)»

Discurso na cerimónia de entrega do  
Prémio Victor de Sá de História Contemporânea – 2007

José António Ribeiro de Carvalho



Boa tarde!

Antes de mais, gostaria de cumprimentar e agradecer a presença de todos:

Ao Senhor Professor Doutor Manuel José Magalhães Mota, Digníssimo Vice-Reitor da Universidade do Minho;

Senhor Professor Doutor José Viriato Capela, digníssimo Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho e Presidente de Júri do conceituado Prémio Professor Victor de Sá;

Senhor Dr. Henrique Barreto Nunes, Director da Biblioteca Pública de Braga;

Caro colega nas lides da investigação histórica e amigo Mestre Rui Manuel Pinto Costa, os meus parabéns pela tão merecida menção honrosa desta sessão do Prémio Professor Victor de Sá;

Senhora Professora Doutora Maria da Conceição Meireles, a si, mais uma vez, quero dizer-lhe isto: está e ficará, para todo o sempre, no meu coração. Muito obrigado pelo tempo que passamos juntos para levar este trabalho até ao fim.

Bem-haja pela exemplar competência, generosidade e disponibilidade (mesmo paciência) com que aceitou o desafio de me orientar neste projecto.

Escusado será dizer que este prémio, hoje atribuído, também é de Sua Excelência!

Permitam-me, por favor, que me dirija a todos os amigos e familiares que tiveram a amabilidade de me acompanhar neste dia especial. Obrigado a todos pela vossa preciosa companhia e apoio. Como eu costumo dizer, podem faltar-nos muitas coisas ao longo da vida, mas Deus permita que nunca nos falem os amigos! Vocês estão sempre presentes, eu sei disso! Faço votos para que continuemos neste espírito afectuoso.

Por fim, agradeço aos meus alunos aqui presentes. Uma das coisas mais maravilhosas nesta vida de professor é vermos o reconhecimento dos nossos alunos com a sua presença e simpatia. Mas também às minhas antigas professoras da Licenciatura, mestres com quem continuamente aprendi, e aprendo, e de quem guardo as melhores recordações.

Bem como a todos os presentes.

Mas passemos à apresentação do nosso trabalho, que é disso que todos estão à espera.



Considerando que no panorama da historiografia portuguesa, relativa aos finais séculos XIX e inícios do XX, as questões político-religiosas e sociais têm sido um campo de estudo menos trabalhado nestes últimos tempos, sobretudo, se o compararmos com as questões políticas e religiosas da I República e do Estado Novo, esta constatação acabou por ser um facto que nos levou a levar a cabo este estudo.

Consideramos ainda pertinente trazer para a ribalta esta temática, uma vez que se estão a preparar as grandes comemorações do centenário da República portuguesa (1910-2010).

Também pelo facto de raramente em Portugal se fazer a História daqueles que são os «vencidos», mas esses mesmos que também marcaram uma página na História. Na presente investigação procuramos mostrar a forma como os Jesuítas nacionais viram os finais do século XIX e inícios do século XX em Portugal.

Este trabalho, como tantos outros de História, pretende ser um contributo para a «História» dos Jesuítas em Portugal nas vésperas da I República. E estando a História sujeita a todo o género de interpretações, ela terá de ser plural de acordo com a perspectiva que se observa, a época e as crenças, e diferente ainda porque distinto é cada um dos estudiosos que empreende essa tarefa.

E antes de avançar gostaria de fazer a seguinte declaração: o presente estudo está escrito por um católico praticante. Católico por tradição e formação, mas também, sublinhe-se, por convicção. No entanto, nem sempre crê como acertadas as decisões da hierarquia da Igreja, nem no passado, nem no presente. Como católico, acata o que a Igreja manda; crê no que a Igreja ensina como Doutrina de Fé; mas no pleno uso da liberdade, da cultura e da inteligência de que Deus o dotou, sejam estas grandes ou pequenas, se sabe obrigado a analisar e a exprimir opinião.

Este trabalho pretende, acima de tudo, compreender melhor a História da Ordem Religiosa mais emblemática e talvez a mais discutida da gesta católica – os Jesuítas – no contexto português, na fase final do século XIX e inícios do seguinte. Para esse efeito, seleccionamos a Revista mensal Jesuíta *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, publicada entre 1881 e 1910, tendo sido suspensa a sua publicação, nesta sua 2.ª série, por causa da expulsão da Companhia Inaciana aquando do 5 de Outubro de 1910.

E a propósito da propaganda republicana, feita em pleno regime monárquico, referem os Jesuítas do *Novo Mensageiro*, em jeito de denúncia, que esta não passa de uma mera ilusão e oportunismo, como se a milagrosa solução para todos os problemas do país estivesse na mudança de regime.

«Os nossos republicanos já se entende que andam a apregoar a sua republica como panacea de todos os males da pátria, como a mais florente idade de oiro que nunca sorriu a Portugal».

Nesta linha de pensamento, ironizando sobre a prosperidade material, propagandeada pelos republicanos, dizem os Inacianos que não faltará muito tempo para que, por uma espécie de passe de mágica, o barrete vermelho de Bernardino Machado «se converta numa cornucópia a jorrar de si para o Zé-

-povinho libras, salpicões, vinhaça, liberdade, igualdade e fraternidade, vidinha sem trabalho, papança sem paga, moradia sem renda, abolição do exercito, de senhorios, de impostos, de privilégios e talvez até de pulgas, mosquitos e piolhos»<sup>1</sup>. O quanto não seria maravilhosa esta República!

Os redactores do periódico pressentem, claramente, o fim da Monarquia e o alvorecer da revolução republicana.

Nas páginas do órgão Jesuíta são alertados os católicos, variadíssimas vezes, para o perigo do movimento republicano que alastra pelo país e que estes republicanos não se cansam de deixar «arrotos de jacobinismo» por todo o lado, que trazem sempre presente a palavra liberdade. Liberdade que é que é dada aos «militares que se revoltam, aos republicanos que apedrejam, aos anarchistas que põem tudo a ferro e fogo: mas fóra os Jesuítas, fóra associações religiosas, fóra o ensino congregacionista, fóra o Apostolado da Oração, fóra a direcção dos Bispos nos seus seminarios e o seu clero, fóra os exercícios espirituaes do clero (...) fóra a publicação de letras pontificias sem autorização expressa do governo, fóra procissões que transponham os umbraes do templo, fóra círculos catholicos de operarios»<sup>2</sup>. Aqui fica uma amostra do tipo de posições e postura veiculadas pelo *Novo Mensageiro*.

### Linguagem e tom usado pelo *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*

Não nos surpreende, desta forma, que a Revista assumia um tipo de linguagem bélica, recorrendo mesmo a termos menos próprios para um órgão católico. Que tome determinado tipo de posições que se encontram próximas do espírito de cruzada. Da análise, depreende-se que a Revista tem a consciência clara do acentuado combate político-ideológico em que Portugal vivia, e que este não se limita apenas à defesa mas também a um ataque claro. Verifica-se um espírito de luta e de guerra que se inicia com os primórdios da Revista e se mantém até ao último número.

## Objectivos da Revista

Tendo em conta a situação da sociedade contemporânea de «destruição do Reino de Jesus Cristo»<sup>3</sup>, o *Mensageiro* propõe-se, como primeiro objectivo, contribuir para a derrota das ideias e dos princípios revolucionários que têm como fim a destruição da própria sociedade. Deste modo, a grande intenção do órgão Jesuíta seria a Instauração do Reinado Social de Cristo<sup>4</sup>.

Apela à participação e empenho público dos católicos. Que estes se apresentem com espírito militante em todas as situações. Que não tenham medo de ser católicos e militantes da causa da Igreja.

Uma característica recorrente é a fraqueza e apatia dos católicos face à onda demolidora da sociedade e das mentalidades do seu tempo. As causas de tal letargia seriam ainda a influência sectária da maçonaria, o sensualismo, o orgulho, a cobiça e o ódio tendo estas atitudes vindo a progredir desde a reforma protestante, passando pela revolução de 89, até ao presente; mas sem esquecer a própria fraqueza e má formação dos católicos e da sua hierarquia. O remédio a adoptar, para alterar esta situação, seria a firmeza na Fé<sup>5</sup> e mais estudo da Doutrina Social da Igreja.

Qual a forma de conseguir criar e instaurar o Reinado Social de Jesus Cristo?

Quais as acções a desenvolver? Por onde começar? O que cabe fazer a cada católico para o conseguir?

As perguntas, as questões, são muitas, cujas respostas são fáceis e rápidas. Para que o Reinado Social de Jesus Cristo seja estabelecido a primeira coisa a fazer, dizem-nos os Jesuítas, depende da capacidade de cada católico em o estabelecer na vida de cada um, começando cada um por si. Ou seja, uma responsabilização pessoal primeiro e depois partir para a sociedade. Como se dissessem: se queres mudar o mundo, muda-te a ti próprio primeiro, depois mudas a sociedade! Como se dissessem: se queres a mudança sê tu próprio agente dessa mudança que queres nos outros!

O segundo grande objectivo do *Novo Mensageiro* é lutar pela organização da «União Católica», pelo que clamam pelo fim das discórdias entre os católicos. As divisões no seio dos católicos constituíam, na óptica do *Mensageiro*, a principal razão da sua fraqueza: criar dois campos no mesmo exército de Cristo é um erro. Mas, como se sabe, os Jesuítas acabariam, eles próprios, por contribuir para essa desunião; citemos o caso da polémica com os Franciscanos da *Voz de Santo António*.

A Revista tinha uma intenção: lutar contra os males do século e servir de fractura político-ideológica, daí o pragmatismo dos Jesuítas. Assim sendo, não nos pode causar estranheza o facto dos articulistas dedicarem uma grande atenção às questões da intervenção político-religiosa, sócio-cultural e ideológica dos católicos, e menos o realçar do aspecto religioso e da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, como se comprova facilmente; mas também a nossa intenção, sublinhe-se, foi tratar as questões de índole cultural e ideológica e menos as questões estritamente religioso-piedosas.

Os Jesuítas do *Novo Mensageiro* caracterizam Portugal como imbuído de um profundo ambiente de *clerofobite* crónica, que invadiu o país de Norte a Sul; denunciam que essa doença tem sido feita «na torrida dos vermelhos, quer na menos ferosa, mas não temperada, dos branco-azues». Ou seja, desde os republicanos, maçónico-jacobinos (apontados como os vermelhos), passando pelos monárquicos (os brancos e azuis). Assim sendo, não defendem, nem querem, uma Monarquia como estava nem muito menos uma República como aquela que se anunciava através dos seus arautos.

A grande recomendação aos católicos é a seguinte: apesar das dificuldades é necessário ter Fé no triunfo e na vitória. Apesar do presente ser pouco auspicioso, o importante é acreditar que o futuro será melhor, isto desde que os católicos se empenhem na construção do tão esperado e desejado «Reinado Social de Nosso Senhor Jesus Cristo». O futuro, que se deseja melhor, é construído a partir do presente e este depende apenas da tenacidade dos católicos, dizem os Inacianos.

Atento aos sobressaltos da época e às complexas transformações das consciências e da sociedade, o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* não ficou

passivo à espera que a intempérie passasse para dar lugar à tranquilidade cómoda de quem prefere deixar-se arrastar pelo tempo em vez de nele intervir. O órgão Jesuíta intervém e de forma activa na sociedade em que se insere.

O *Novo Mensageiro* que surgiu na viragem do século XIX e continuando no início de outro, conturbado social, política e ideologicamente, como vimos, pelo papel que desempenhou inscreve-se numa luta contra a sociedade nascida da revolução francesa e da sua irmã mais nova, a liberal, a qual subtraía o lugar que a Igreja Católica sentia ter por direito. É na confluência das críticas que faz à sociedade, ao individualismo, ao socialismo, à secularização, à maçonaria, ao liberalismo, etc. que podemos inscrever a sua atitude. Trata-se de uma Revista de combate, de uma Revista de luta pela militância católico-jesuíta. Daí que critique mais o que considera estar errado e incida menos a sua análise sobre aquilo que considera correcto. Esta postura de militância não surpreende pois tratando-se de um órgão de imprensa de uma Ordem religiosa, pressupõe-se uma forte intervenção apostólica e piedosa, mas o curioso é que o *Novo Mensageiro*, como se viu, também apresenta um forte carácter de intervenção cultural e ideológica.

Uma ideia chave que perpassa ao longo de todo o periódico é que o problema não está na força dos adversários da Igreja e nos revolucionários, mas sim na fraqueza dos católicos<sup>6</sup> e que entre estes se encontram os maiores inimigos da Igreja. Deste modo, o mito do *complot* e da conjuração maçónica deixa de ser referido com a insistência que o era nos inícios da publicação. Os Inacianos deixam de acusar os outros, os adversários da Igreja, e criticam mais a apatia dos católicos pelas perseguições de que estão a ser alvo. Desta forma, o periódico faz o *mea culpa* e um forte apelo à mobilização e acção pública católica.

Este periódico encontra-se imbuído de um espírito de missão, entendido enquanto empresa de Deus para uma nova evangelização e recristianização, as quais são a resposta ao contexto da crise. Apresentam uma leitura da História e da sociedade em que se inserem com e para Deus! Quase como se dissessem: lermos o curso da História sem Deus é ler a História de modo superficial, porque a procura de Deus pelo Homem e a resposta deste à busca divina é a parte central da História. Ou seja, todas as coisas são observadas numa perspectiva religioso-católica; numa mundividência cristã e que o Homem não

pode organizar o mundo sem Deus e sem Deus, o Homem só organiza o mundo contra si próprio e esvaziado de sentido.

O paradigma da regeneração oitocentista encarnado por esta Revista Inaciana afirma-se como obrigação da Igreja no estabelecimento de uma nova mundividência católica alicerçada no pensamento neo-tomista. Aquilo que os Inacianos pretendiam seria uma recuperação dos valores morais e espirituais da Cristandade. Além disso, existe por parte dos Jesuítas, uma clara convicção de que as correntes mais profundas da História são espirituais, ideológicas e culturais, não políticas e económicas, sem deixar de defender que «as falhas da consciência humana, privada da sua dimensão divina, têm sido o factor determinante de todos os grandes crimes cometidos neste século»<sup>7</sup>. Presentem, claramente, como se vê, uma crise civilizacional e moral grave que ia despoletar, em 1914, com a I Guerra Mundial.

Uma questão: se Portugal, nas vésperas da República, tinha cerca de 99% de Católicos<sup>8</sup>, como foi possível toda a luta anticatólica? Como é possível que, aparentemente, menos de 1%, da população conseguiu perseguir uma imensa maioria? Terá sido pela falta de envolvimento dos católicos na sua própria defesa?

Com efeito, a desunião e a conflitualidade entre os católicos acabou por ser, na nossa opinião, a principal razão para esse estado. Mas também, na esteira de Gomes dos Santos e de Sena de Freitas, a falta de formação do clero e dos Bispos. Como nos diz Sena de Freitas seria necessário um clero mais instruído e interveniente na sociedade e na cultura<sup>9</sup>. Além disso, por paradoxal que pareça, em momentos como estes de fins do século XIX e inícios do XX, nunca, como até então, se tinha falado tanto da necessidade de «União» católica acabando esta por originar e trazer consigo o grave problema da «Desunião» e da «Divisão».

Ficou mostrado que grande parte da «energia católica» foi desperdiçada em guerras intestinas, em discussões e debates que não só dividiram mas, mais grave do que isso, permitiram o fortalecimento dos adversários. Veja-se o caso do nosso periódico que, ao longo de milhares de páginas, sempre falou da necessidade da «União Católica» e acabou por contribuir, paradoxalmente,

para a divisão no seio do movimento católico nacional, como o atesta a já citada polémica com a *Voz de Santo António!*

Outras razões que devem apontar-se para a perseguição aos católicos são: a apatia do clero e dos fiéis, afastamento dos católicos da Igreja tradicional, agitação social e as novas utopias. Daqui se depreende a eficácia da união e espírito de militância das forças anticatólicas e a apatia da maioria silenciosa católica que levou a um abatimento do prestígio e influência da Igreja e do cristianismo, as quais, mais tarde, seriam recuperadas (ou tentadas recuperar!), revelando, todavia, algumas cicatrizes.

Com a I República abrir-se-ia, segundo algumas correntes historiográficas, um novo ciclo histórico e, sob o ponto de vista político-religioso e ideológico-cultural, este não seria menos controverso nem menos apaixonante<sup>10</sup>, mas terá de ficar para um próximo estudo...

O culminar desta questão chega pelas posteriores declarações de Afonso Costa de «extermínio» da religião católica em Portugal em apenas duas gerações<sup>11</sup>. Esta questão da declaração, ou suposta declaração, deu azo a muita polémica, até que Fernando Catroga deu (aparentemente) o caso por encerrado. As declarações teriam sido proferidas. Embora não possamos garantir que elas tenham sido proferidas naqueles termos, existe pelo menos, na nossa opinião, uma certeza: a intenção de Afonso Costa, a sua actuação, o seu projecto político-ideológico-filosófico e pessoal caminhava no sentido das referidas afirmações. Porém, não nos esqueçamos que o ambiente de perseguição à Igreja Católica em geral e aos Jesuítas em particular já se manifestara nos últimos anos da Monarquia<sup>12</sup>, numa certa tentativa de a «republicanizar»<sup>13</sup> tentando, com isso, combater a oposição ao regime real. Assinale-se que o Governo de Teixeira de Sousa, o último da Monarquia, tinha preparado no dia 4 de Outubro de 1910, na véspera da revolução, um decreto para encerrar as casas dos Jesuítas, e esta teve como corolário a decisão do governo provisório da República que a 8 de Outubro de 1910 restaurou os decretos do Marquês de Pombal e de Joaquim Aguiar<sup>14</sup> – o mata frades –, determinando a expulsão dos Jesuítas<sup>15</sup>.

## Metodologia

Este estudo foi elaborado a partir da leitura exaustiva da Revista e sua caracterização, aplicando uma grelha de análise onde foram seleccionados os temas fundamentais. Entre estes destacam-se: o liberalismo, o socialismo, a laicidade, a secularização, a separação do Estado da Igreja, o ensino, a imprensa, a maçonaria, a revolução, a autoridade, o protestantismo, a intervenção política dos católicos, a união católica, a República, a Monarquia, a situação político-religiosa e sócio-cultural de vários países, entre outros.

Através desta pesquisa, pretendemos apresentar uma reflexão acerca do papel dos católicos em geral e da Companhia de Jesus em particular, na sociedade portuguesa do final da Monarquia Constitucional. De acordo com este objectivo procuramos, no essencial, responder às seguintes questões:

- Quais as representações dos Jesuítas do mundo em mudança em que viviam?
- Como viram os Jesuítas o fim da Monarquia e as vésperas da República em Portugal?
- Qual a intervenção político-religiosa e sócio-ideológico-cultural que tiveram?
- De que forma veiculavam as suas mensagens através de um boletim mensal?

Isto sem esquecermos de ter presente, naturalmente, o facto do século XIX liberal ser caracterizado pelo síndrome antijesuítica, pela obsessão de diagnosticar os focos de jesuitismo, e pela preocupação constante de o atacar e irradiar. Se quisermos, e para sermos mais claros, a fobia pelo jesuitismo e mesmo o próprio uso do termo «Jesuíta» neste período é idêntico ao de «fascista» na altura do pós-25 de Abril de 1974 e com um sentido absolutamente pejorativo, como se sabe!

Foi de intenso combate político e ideológico a época em que decorreu a existência desta Revista. No campo das doutrinas filosóficas e científicas, as correntes racionalista, positivista, evolucionista e materialista marcaram profundamente as mentalidades;

No terreno social e ideológico, as ideias liberais, socialistas, comunistas, anarquistas, e o movimento sindical;

No político, os confrontos dentro do espaço monárquico entre legitimistas e constitucionalistas, e entre monárquicos e republicanos;

No plano do catolicismo, a questão romana, o anticlericalismo, os desafios do laicismo na educação e da aceitação das Ordens e Congregações Religiosas, o catolicismo social, a separação do Estado da Igreja, a questão do Partido Católico, o *modernismo*, etc.

Tudo isto num verdadeiro clima de *clerofobia* fácil e barata! Quase se podia falar de uma *clerofobia* crónica, que inundava a sociedade portuguesa de fins do século XIX e inícios do XX. E isto para não falar, claro está, da «jesuitofobia» que era uma «bandeira» e slogan agitado e gritado por todo o lado e a toda a hora!

## Estrutura do Trabalho

Num primeiro capítulo, as principais questões abordadas são de natureza religiosa, política e social; no contexto histórico-ideológico e sócio-religioso, particularmente a análise dos diversos Pontificados que acompanham a existência da nossa fonte de estudo e sua ligação com a questão Jesuíta. Ou seja, desde o papa Pio IX a Pio X.

No segundo capítulo apresentamos uma breve resenha Histórica da Companhia de Jesus, no seu contexto internacional e nacional. Seguidamente, debruçamo-nos sobre uma referência ao movimento antijesuítico, desde os inícios da sua fundação até às vésperas da I República portuguesa, sem deixar de nos referirmos ao movimento anticlerical português e à reacção católica.

O terceiro capítulo aborda considerações várias sobre a Imprensa, articulando esta temática com a análise da fonte e um conciso historial da Revista *Novo Mensageiro* usada para a investigação, bem como a ideologia e posição que lhe está subjacente.

Pretendemos, posteriormente, destacar a posição da Revista sobre as várias questões acima referidas.

Por fim, apresentamos uma breve conclusão onde se abordam algumas questões que nos mereceram preocupação, ao longo da elaboração deste texto. Entre elas a atitude dos Jesuítas nas vésperas da I República e a posição das autoridades e da sociedade portuguesa perante estes.

Finalmente, permito-me deixar a seguinte questão: abrir-se-ia, de facto, com a I República um novo ciclo histórico, ou temos e assistimos, sob o ponto de visto político-religioso, a uma continuidade? Pergunta que se faz, resposta que não se dá, por agora...

Um muito obrigado pela vossa paciência e atenção. Um Santo e Feliz Natal e umas boas festas para todos.

## Notas

<sup>1</sup> *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 330 de 1908. p. 351.

<sup>2</sup> *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 306 de 1906. p. 361.

<sup>3</sup> *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 7 de 1881. p. 405.

<sup>4</sup> Referem este seu objectivo ao longo de toda a publicação. Refira-se, a título de exemplo, o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 91 de 1888. p. 385-394. Continuam a tratar esta questão nos números seguintes: *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 92 de 1888. p. 449-458. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 93 de 1888. p. 513-522. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 94 de 1888. p. 577-584. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 95 de 1888. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 96 de 1889. 705-717. Entre outros. No ano de 1896 citam a fórmula da Consagração do Reino de Portugal ao Sagrado Coração de Jesus. *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 184 de 1896. p. 401-402.

<sup>5</sup> *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 119 de 1891. p. 123-127. Como não citar aqui Henri Delassus. DELASSUS, Henri – *A Conjuração Anticristã. O Templo maçónico que se quer erguer sobre as ruínas da Igreja Católica*. Tomo I (1910) (tradução livre do original francês: *La Conjuración Antichrétiene. Le temple maçonnique voulant s'élever sur les ruines de l'église catholique*. Lille: Société Saint-Augustine, 1910). Lutar contra a grande conspiração anticristã que está montada pela seita maçónica e sobre esta conspiração

referem que parece estar próxima a sua completa vitória, porém quanto mais parecer ser a vitória garantida aí está a sua derrota. Para combater esta grande conspiração nada melhor que a união de esforços por parte dos católicos e se nada mais pode ser feito, restará, pelo menos, a oração dos associados da Liga do Apostolado da Oração (A.O.). *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 9 de 1881. p. 523.

<sup>6</sup> *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*. Lisboa. Número 336 de 1909. p. 146.

<sup>7</sup> WEIGEL, George – *O Cubo e a Catedral. A Europa. A América e a política sem Deus*. Lisboa: Aletheia Editores, 2006. p. 29, 31, 42, 136.

<sup>8</sup> Ao findar a Monarquia, a grande potência religiosa de Portugal era a Igreja Católica. O censo de 1900 atribuía-lhe 5.416.204 fiéis, 99,8% da população do país. MARQUES, António Henrique de Oliveira – *História de Portugal*. Vol. XI. Da Monarquia para a República. Lisboa: Editorial Presença, 1991. p. 479.

<sup>9</sup> SANTOS, Gomes – *O Catholicismo em Portugal*. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1906. FREITAS, Sena de; e SPALDING, Mons. Jonh Lancaster – *A alta educação do padre*. Prefácio de D. Manuel Clemente. Nova edição coordenada por José Eduardo Franco. Lisboa: Roma Editora, 2003.

<sup>10</sup> NETO – *O Estado, A Igreja e a Sociedade em Portugal...* p. 586.

<sup>11</sup> CATROGA, Fernando – *O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000, p. 357-359. Esta questão da declaração, ou suposta declaração, deu azo a muita discussão, até que Fernando Catroga, deu (aparentemente) o caso por encerrado. As declarações teriam sido proferidas. Embora não possamos garantir que elas tenham sido proferidas naqueles termos, existe pelo menos, na nossa opinião, uma certeza: a intenção de Afonso Costa, a sua actuação, o seu projecto político-ideológico-filosófico e pessoal caminhava no sentido das referidas declarações.

<sup>12</sup> Os últimos anos da Monarquia tinham sido férteis em legislação e atitudes antijesuíticas. Relembremos, a este propósito, as seguintes: em 1888 a proposta de José Luciano de Castro viria, à semelhança do decreto de 8 de Outubro de 1910, lembrar a legislação de Pombal e de Aguiar. No início de 1901, durante o Governo de Hintze Ribeiro, são produzidos uma série de diplomas adversos às Congregações e Ordens religiosas. Em simultâneo os anticlericais organizam uma série de campanhas públicas. Hintze encerra várias residências religiosas, algumas delas ligadas à Companhia de Jesus (casas da Boavista no Porto; e do Quelhas em Lisboa), além dos estabelecimentos do Apostolado da Oração. Foi também o ano dos incidentes em Coimbra, a propósito das provas de Doutoramento em Teologia de Oliveira Guimarães, envolvendo o Bispo do Porto, D. António Barroso. O decreto de 18 de Abril de 1901 leva à instituição de inúmeras associações. Este decreto não passou de um equívoco, nos termos de António Araújo, porque o diploma não só não recusou o registo de nenhuma associação religiosa mas aumentou o número de Ordens religiosas que pretenderam constituir associações. Entre elas as dos Jesuítas: Associação Fé e Pátria, Associação Promotora da Instrução e Educação Popular (vacionada para a formação das classes operárias) e a

Associação Social Cristã (vocacionada para as mulheres). A batalha anticongregacionista de 1901, tendo o Caso Calmon por epicentro, deixou sequelas que se manifestaram depois nas vésperas do 5 de Outubro, sobretudo por acção da Junta Liberal e da Associação do Registo Civil. Estas, em Agosto de 1909, juntamente com o Grande Oriente Lusitano, a Associação dos Lojistas, grupos de republicanos, socialistas e a participação activa da Carbonária, promoveram a manifestação anticatólica de 2 de Agosto de 1909 em Lisboa, onde se reclama, entre outras coisas, o restabelecimento das leis antijesuíticas de Pombal e Aguiar. Já em 1908 Afonso Costa apresenta um projecto lei em que assinala que estão em vigor as leis antijesuíticas de Pombal e Aguiar. Também a realização do I Congresso Nacional do Livre Pensamento, em 1908, assume uma posição claramente descrentizadora. Sem esquecer, porque directamente ligada aos Jesuítas em geral, e ao *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* em particular, a questão da *Voz de Santo António*. O último governo da Monarquia, encabeçado por Teixeira de Sousa, mostra algum ressentimento em relação aos Jesuítas e ao Partido Nacionalista a quem responsabiliza pelos fracassos da Monarquia. ARAÚJO – *Jesuítas e Antijesuítas...* p. 65-74. Assinale-se que o Governo de Teixeira de Sousa tinha preparado, no dia 4 de Outubro de 1910, na véspera da Revolução, um decreto para encerrar as Casas dos Jesuítas. FERREIRA, António Matos – A Constitucionalização da religião. In, AZEVEDO, Carlos Moreira de – *História Religiosa de Portugal*. Vol. III-Religião e Secularização. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2002, p. 53. SOUSA, Teixeira de – *Para a História da Revolução*. Vol. II. Coimbra: Livraria Editora Moura Marques & Paraisos. p. 13-66. MARTINS, Rocha – *D. Manuel II. Memórias para a História do seu reinado*. Vol. II. Lisboa: Sociedade Editora José Bastos. p. 49-94.

<sup>13</sup> FORMOSINHO, Sebastião J. – *Ciência e Religião. A Modernidade do Pensamento Epistemológico do Cardeal Cerejeira*. S. João do Estoril: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, 2002. p. 10.

<sup>14</sup> Para uma visão geral destes Decretos ver: AGUIAR, Joaquim António d' – *A propósito da Extinção das Ordens Religiosas em Portugal. Relatório e Decreto*. Porto: Typographia Central, 1899.

<sup>15</sup> FERREIRA, Manuel de Pinho – *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação SPES, 2004. p. 120-121.